

AMBIGÜIDADE LEXICAL E SUA INTERFERÊNCIA NA INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO: ESTUDO COM O VERBO ARRASAR

Vera Lúcia Vasilevski DUARTE (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: This paper discusses aspects of ambiguity and context bearing on discourse interpretation. A corpus-based analysis of the Portuguese verb 'arrasar' is used as empirical support. The quantitative and non-quantitative results of the analysis are presented, and attention is drawn to tokens of particular interest found in corpus data. The paper concludes by highlighting the impossibility of solving lexical ambiguity on the basis of either syntactic or lexical information alone, since context interferes directly on the sense a word has in discourse.

KEYWORDS: ambiguity; context; discourse; interpretation; sense.

1. Introdução

Para adaptar-se ao dinamismo dos tempos, a sociedade está em constante transformação. Novas situações surgem e acarretam mudanças sociais, que estão configuradas nas possibilidades e restrições que acompanham a época. Assim sendo, a língua é modificada para atender às novas necessidades de expressão advindas de novos teores, da nova realidade. Devido a isso, a língua está em constante reforma e as alterações nela introduzidas desafiam e intrigam os que a estudam.

Entre as inúmeras alterações que ocorrem na língua estão a criação de palavras e a atribuição de novos significados a outras. Esse segundo item proporciona as chamadas ambigüidades lexicais, ou polissemia, em grande escala. Contudo, é fato que os falantes conseguem se comunicar sem maiores problemas, mesmo havendo tantas palavras polissêmicas.

Partindo desses fatos, o objetivo deste trabalho é contrastar o papel do contexto com o do léxico na interpretação do discurso e debater as formas como a ambigüidade lexical é resolvida pelo usuário da língua. Também, pretende-se, a partir de uma análise com base em um *corpus*, sustentar as discussões realizadas e observar o comportamento lexical de um verbo da língua portuguesa em textos escritos.

2. Polissemia e ambigüidade

A polissemia pode ser encarada como um processo de renovação da língua: “Quando um novo sentido é assimilado pela coletividade e se generaliza, aquele vocábulo amplia seu campo de significação. Esse processo é essencial para que se mantenha a vitalidade do idioma” (Pinilla, Rigoni e Indiani, 2002). Essas autoras definem ambigüidade como “obscuridade das palavras ou expressão, que pode causar várias interpretações”. Essas são as definições de polissemia e ambigüidade com que se trabalhará aqui. A partir delas, observa-se que a polissemia pode ser causadora de ambigüidade, pois o leitor/ouvinte precisa distinguir o significado almejado pelo escritor/falante dentre os que o vocábulo envolve.

Perini (1995, p. 252) diz que a polissemia é essencial para as línguas, que sem ela não seriam eficientes. Segundo ele, o homem procura identificar novos objetos, relacionando-os com algo já conhecido. Subentendem-se nessa definição, também, novas situações – é o que ocorre no caso dos verbos polissêmicos, como será visto. Esse autor ainda ressalta que, na fala normal, cotidiana, a polissemia é indispensável, pois confere à língua a flexibilidade de que ela precisa para exprimir os inumeráveis aspectos da realidade. Percebe-se que, dessa forma, velhas palavras são revestidas de outros significados e assumem novos papéis na língua, de acordo com o que a realidade vigente precisa.

Os caminhos dessa renovação constante estão intimamente ligados à cultura de um grupo social. Portanto, é natural que, no Brasil, um país-continente e multicultural, onde há uma relativa unidade lingüística superior a 99% (Rodrigues, 1999), a ampliação dos sentidos seja constante e, até mesmo, incontável. Além desse, outro fato que contribui para a ocorrência de polissemia é o de palavras de todas as classes gramaticais serem passíveis de transformações inovadoras.

3. Contexto

3.1. Contexto e interpretação

Sabe-se que, durante uma conversa, o interlocutor expande o contexto através de questionamentos, para entendê-lo melhor; quando se trata de texto escrito, o leitor completa, com seus conhecimentos, o contexto apresentado. Por isso é que um texto escrito admite várias interpretações; pois não há como desfazer ambigüidades e esclarecer dúvidas diretamente com o autor.

Concordando com esse apontamento, Green¹ (1995, p. 2) diz que “...a resolução da ambigüidade e a interpretação do discurso são interdependentes e o contexto essencial para a resolução de ambos...”. Ela também enfatiza que os usuários da língua interpretam o discurso, ou seja, atos linguísticos proferidos em determinadas ocasiões e por motivos específicos (p. 3). Isso manifesta que a palavra, mesmo com todo o léxico a ela atribuído, precisa de um contexto para poder ser compreendida. Sobre isso, Madre Olívia (1979a, p. 16) coloca que “não há relação direta entre as palavras e as coisas: o vocábulo cobra não morde; os sons fonéticos de câncer não matam; a palavra comida não alimenta”.

Continuando essa discussão, Green observa que “acreditar na conveniente ficção de que as palavras possuem significados estáticos é o que faz com que usá-las na comunicação pareça não requerer esforço” (p. 11). Ela reforça que somos capazes de nos entender porque usamos a língua de acordo com o Princípio da Cooperação de Grice, segundo o qual os falantes usam termos que acreditam que os ouvintes sejam capazes de compreender (p. 15). Nesse sentido, os falantes têm de calcular se os ouvintes são capazes de entendê-los da forma como os falantes desejam e escolher palavras que possibilitem atingir esse objetivo (p. 22).

Em sua exposição sobre o contexto, Lyons (1963, p. 63) diz que “no seu contexto, ambos os tipos de orações ‘ambíguas’ [semântica e estrutural] são compreendidas sem dificuldade”. Para consolidar esse argumento, ele explana que se apresentamos a um locutor nativo uma frase fora do seu contexto usual, ele dirá provavelmente que ela pode significar uma coisa ou outra e dará transformações não ambíguas dela (p. 57). Por isso, Lyons defende que “é um princípio vulgarmente aceite na lingüística moderna que ‘significado implica escolha’” (p. 48), e “...quaisquer relações de significado que são estabelecidas são-no para contextos particulares ou conjuntos de contextos, e não para a totalidade da língua” (p. 135); e ainda, “...o contexto de uma oração num trabalho escrito deve ser compreendido como incluindo as convenções que regem o gênero literário do qual o trabalho em questão é um exemplo” (p. 139). Por essa razão é que pouco se pode saber acerca da transformação de significado que assume uma palavra quando utilizada em textos de diferentes gêneros. Seguindo a mesma linha de pensamento, Buvac (1995, p. 101-102) argumenta que muitas palavras e frases usadas no discurso são ambíguas, e que sua interpretação (e/ou significado) depende do contexto em que elas se encontram. Voltando a Lyons, ele ainda faz menção à dificuldade de esclarecer a noção de contexto, por causa da abrangência do significado dessa palavra (p. 143).

Claro está que o contexto tem sido objeto de vasto debate entre os teóricos da língua. Todavia, a partir da discussão apresentada, é viável estabelecer que o contexto também inclui o conjunto das informações que podem ajudar na compreensão do discurso. Nesse sentido, fazem parte do contexto não somente os elementos do texto, mas também características extratextuais como o gênero textual, o tipo de veículo em que o discurso foi publicado (jornal, revista, anais e a ocasião, no caso de discursos orais), o local e a época da divulgação; quanto a essa, especialmente no que tange os seus aspectos culturais.

3.2. Contexto e ambigüidade

Na concepção de Green, interpretar um ato de fala é reconstruir a intenção do falante ao proferir o ato, e resolver uma ambigüidade implica determinar qual interpretação foi pretendida pelo falante, ou seja, resgatar o que poderia ter sido a intenção dele (p. 16). Acompanhando Green, Buvac (p. 102) expõe que desfazer a ambigüidade de uma expressão implica encontrar a sua interpretação no contexto do discurso em que é utilizada. Esse resgate pode ser considerado uma importante técnica para desvelar o texto.

Green defende que, dependendo do quanto de informação relevante é saliente no contexto, a ambigüidade da sentença pode nem ser identificada (p. 18). Todavia, isso pode conduzir a erros de interpretação, se não for considerada a intenção do autor. Outras vezes, o contexto não diz o suficiente e isso dá margem a mais de uma interpretação, cujas relevâncias são diferentes (p. 9). A ocorrência desse último caso, na percepção de contexto adotada neste estudo, significa que não foi possível ao leitor/ouvinte tomar uma decisão porque ele não pôde compensar a tal insuficiência com informações

¹ Todas as citações de Green e Buvac e as referências a eles foram traduzidas pela autora.

extratextuais componentes do contexto, isto é, o leitor não conseguiu resgatar contexto suficiente para assimilar o discurso.

Essa autora ainda diz que, não importa o tipo, quando a ambigüidade não for reconhecida pelo leitor, tem-se que ele não considerou que o autor poderia ter outra intenção, diferente da que ele reconheceu (p. 2). Essa explanação reforça a tese de que os atos de comunicação embutem as intenções dos participantes e também seus valores. Como intenções e valores variam de pessoa para pessoa, há mais de uma interpretação, poder-se-ia dizer leitura, para um discurso.

Essa exposição encontra apoio em Bartlett (Leffa, 1996, p. 33) que, ao debater a Teoria dos Esquemas, diz que “[a] variedade de interpretações reflete a variedade de experiências subjetivas. [...] a percepção do mundo [...] está baseada na experiência subjetiva de cada um: ‘o dado apresentado precisa ser ativamente conectado a alguma coisa antes de ser assimilado’”. A partir daí, compreende-se que o leitor utiliza a sua percepção de mundo, selecionando a opção mais comum, dentre as que ele conhece, ao interpretar o texto. Nesse aspecto, para o caso do falante/escritor, tem-se que cada ambigüidade criada, involuntariamente, em seu discurso, corresponde à ativação de um esquema², sem considerar outros possíveis. Vale ressaltar que, se isso decorre, tanto no caso do falante/escritor, como no do ouvinte/leitor, do conhecimento de mundo que cada um tem – que é diferente –, então, a contextualização é personalizada.

Adjunta a essa teoria pode-se colocar a questão de que “tudo na língua são relações com valores” discutida por Madre Olívia (1979b, p. 31). Assim, se a palavra não estabelece na sentença, de alguma forma, relações com o mundo, não há expressão de valor, que é a idéia que o falante tem quanto ao assunto de que trata – o que o assunto vale, representa, para ele (p. 42). Daí decorre a concepção de que “valor semântico é o significado das relações lingüísticas” (1979a, p. 22).

Como se pode perceber, a idéia que o leitor/ouvinte tem do mundo influencia a interpretação que ele faz de um discurso e pode causar ambigüidades, ou desfazê-las. Esse tema é explorado na seção seguinte.

4. Texto, leitor e contexto na prática

Para averiguar se há dificuldade para o leitor compreender o sentido de uma palavra polissêmica em um texto, procedeu-se uma análise que visou a verificar o comportamento de uma palavra da língua portuguesa na prática – ou seja, a partir de textos reais criados sem a finalidade de servir de exemplo para estudos lingüísticos – e relacioná-la com a interpretação do discurso.

4.1. Metodologia

A análise restringiu-se aos pontos de interesse deste trabalho – o contexto e a ambigüidade. Os exemplos utilizados são reais, da língua escrita, retirados de um *corpus* eletrônico preparado pelo NILC³, que compreende aproximadamente 34 milhões de palavras, distribuídas em textos lineares de variados conteúdos e tipos, coletados nos anos 90.

Foi escolhida uma palavra variável, o verbo *arrasar*, e foram rastreadas todas as ocorrências dela no *corpus* com o auxílio de programas de computador. A seleção feita totalizou 180 itens para trabalho. Os itens – sentenças cujos contextos foram preservados – foram classificados quanto às relações entre: o sentido do verbo em questão, sua transitividade, seu sujeito e seu complemento.

4.2. Análise

4.2.1. Transitividade e significado O verbo *arrasar* apresenta sujeito em todas as ocorrências e a seguinte distribuição sintática:

Transitividade	
Intransitivo	69
Transitivo direto prep.	11
Transitivo direto	100
Total	180

² Redes mentais de conhecimentos entrelaçados, provenientes da experiência de mundo do indivíduo, ou: “estruturas abstratas construídas pelo próprio indivíduo para representar a sua teoria do mundo” (Leffa, 1996, p. 35).

³ <<http://www.nilc.icmc.sc.usp.br>>

Quanto ao seu aspecto lexical, foram encontrados 6 significados⁴ para as ocorrências analisadas, dos quais um não está registrado no dicionário Aurélio Século XXI (Ferreira, 1999, p. 196-197) e três apresentam perfil sintático não respaldado por ele.

Significados em desacordo com o dicionário			
Transit.	Significado	Ocorrências	
DIRETO	Triunfar sobre o adversário em uma competição, vencer com larga vantagem	34	
	Dizer cobras e lagartos	2	
DIRETO PREPOS.	Triunfar sobre o adversário em uma competição, vencer com larga vantagem	1	
	Abater moral ou fisicamente, prostrar, aniquilar	2	
	Destruir, devastar, arruinar	6	
	Dizer cobras e lagartos	2	
INTRAN- SITIVO	Destruir, devastar, arruinar	1	
Total		48	26,7%

Significados em acordo com o dicionário			
Transit.	Significado	Ocorrências	
DIRETO	Tornar raso, nivelar, aplinar	2	
	Destruir, devastar, arruinar	57	
	Abater moral ou fisicamente, prostrar, aniquilar	5	
INTRAN- SITIVO	Ficar em situação de especial relevo, acima de todos, dominando-os, suplantando-os	68	
Total		132	73,3%

A partir disso, vê-se que o verbo *arrasar* é polissêmico e seu comportamento sintático variável; portanto, é causador em potencial de ambigüidade no discurso.

4.2.2. Seleção lexical

As combinações lexicais possíveis com o verbo *arrasar* foram verificadas qualitativamente a partir do contraste entre o seu sujeito e complemento, para o qual se levou em conta a transitividade, e o resultado obtido para cada significado do verbo foi disposto em uma tabela. Para efeito de análise, os sujeitos e complementos encontrados no *corpus* foram classificados e agrupados da seguinte forma:

Categorias de sujeito e complemento		Descrição
1	Abstrações	Conceitos, idéias (ex. cinismo, vergonha)
2	Fatos e ações	Fatos provocados pelo homem ou por animais (ex. guerra, chutes)
3	Fenômenos naturais	Fenômenos da natureza independentes da ação no homem
4	Filmes	Filmes e jogos virtuais
5	Indefinições	Todos ou partes não especificadas (ex. tudo, aquela coisa)
6	[Indeterminado]	O foco está na somente na idéia e não no sujeito
7	Lugares e locais	Espaço ambiente (ex. cidade, Tróia, floresta, boate) e físico (ex. mão, canelas, mesa)
8	Objetos	O que é material (ex. máquina, livro)
9	[Oracional]	Oração que se comporta como sujeito ou complemento
10	Pessoas e animais	Pessoas, metonímias de pessoa e animais
11	Texto	Criação literária (não o livro físico)
12	Entidades	Instituições e empresas designadas pelo nome (ex. TVA)

⁴ Quando houve dúvidas sobre a classificação de significado mais apropriada para uma ocorrência, quatro falantes brasileiros não estudiosos da língua foram consultados. As respostas foram unânimes.

a) Intransitividade

sentido do verbo	tipo de sujeito
ficar em situação de especial relevo, acima de todos, dominando-os, suplantando-os	pessoas, lugares e locais, abstrações, objetos, filme, entidades, [indeterminado]
exemplos	
- "Dupla caipira" arrasa no SBT. - O banheiro criado por [...] arrasou nas "Salas de Banho" da Deca. - A sandália da Ferri (R\$ 128) arrasa no salto dez. - No dia seguinte, o pato de Sri Owen arrasou. Estava realmente muito saboroso... - Logotipo da Copa arrasa em vendas. - Dá para arrasar.	

sentido do verbo	tipo de sujeito
destruir, devastar, arruinar	pessoas
exemplos	
- (ver excerto 8)	

Observa-se que quando intransitivo o verbo *arrasar* aceita sujeitos de várias categorias, sete dentre as 12 definidas. Vale ressaltar que 76,5% dessas ocorrências apresentam adjunto adverbial, em 11,5% delas o adjunto pode ser resgatado pelo contexto e 11,5% não o apresentam. Os adjuntos são de lugar, modo e tempo; os casos em que eles não estão presentes expressam uma idéia, como *ser muito bom*, *bonito*, *dar-se muito bem*, ou uma habilidade.

b) Transitividade direta

sentido do verbo	tipo de sujeito	tipo de complemento
tornar raso, nivelar, aplinar	pessoas	objeto (instrumento musical)
exemplos		
- Na última peça do programa, a "Balada Nr. 1", Dang simplesmente arrasou o piano da Sala São Luiz.		

sentido do verbo	tipo de sujeito	tipo de complemento
destruir, devastar, arruinar	pessoas e animais	pessoas, abstrações, lugares e locais, indefinições, objeto, texto
	fenômenos naturais	lugares e locais, abstrações
	fatos e ações	lugares e locais
	lugar (ver excerto 3)	fenômenos naturais
	abstrações	abstrações, lugares e locais, pessoas, filmes
	objetos	abstrações, lugares e locais, indefinições
	[oracional]	indefinições
exemplos		

- Krugman arrasa os argumentos levantados na Conferência de Davos...
- Eu me sinto à vontade para arrasar meu próprio texto.
- ...com o terremoto que arrasou Lisboa em 1755.
- Um reencontro com Camus, quase 40 anos depois, não deixa dúvida de que esse perfil resistiu, [...] aos ventos que desde então derrubaram mitos e arrasaram reputações.
- Conflitos étnicos e caos econômico arrasam a Geórgia.
- Mas a galera só notava mesmo as marcas dos chutes que arrasavam as minhas canelas nos tais campeonatos...
- ...há uma conspiração do cinismo para arrasar o que resta de vergonha no Brasil
- Normalmente, esse tipo de interpretação costuma arrasar o filme.
- Durante uma perseguição, uma câmera subjetiva arrasa tudo o que lhe aparece na frente.
- Se depois de Lula entrar um político tradicional arrasa com tudo.

sentido do verbo	tipo de sujeito	tipo de complemento
abater moral ou fisicamente, prostrar, aniquilar	peessoas	peessoas
	abstrações	peessoas
exemplos		
- A notícia arrasou toda a seleção.		

sentido do verbo	tipo de sujeito	tipo de complemento
dizer cobras e lagartos	peessoas	peessoas e abstrações
exemplos		
- Kubrik arrasa o militarismo.		

sentido do verbo	tipo de sujeito	tipo de complemento
triunfar sobre o adversário em uma competição, vencer com larga vantagem	peessoas	peessoas
exemplos		
- A alemã arrasou a espanhola Arantxa Sanchez.		

Percebe-se que quando transitivo o verbo *arrasar* é ainda menos exigente nos seus sujeitos. Destacam-se os recursos lingüísticos metonímia, bastante utilizado na designação do sujeito e do complemento quando eles são grupos de pessoas, como times e duplas, e a metáfora, que aparece, sobretudo, quando o sujeito ou o complemento são abstratos.

Somente em dois casos é viável contrapor os sentidos do verbo e o tipo de sujeito e complemento que ele seleciona, pois não houve número suficiente de ocorrências dos outros quatro sentidos. Constatase que no novo sentido encontrado – correspondente a 35 itens – o verbo seleciona pessoas como sujeito e complemento; e no sentido de *destruir, devastar, arruinar* – correspondente a 64 ocorrências – não há regularidade na escolha do sujeito e do complemento.

Verifica-se que das 12 categorias definidas apenas duas não aparecem na posição de sujeito do verbo *arrasar*: indefinições e texto, e que sete delas ocupam a posição de complemento, sendo que a categoria [indefinido] nem poderia ocupar essa posição por ser exclusiva de sujeito. Quando intransitivo, *arrasar* aceita sete categorias de sujeito e quando transitivo também sete, sendo que quatro delas são comuns aos dois casos. Nota-se que, quando intransitivo, esse verbo é mais uniforme, pois são sete categorias de sujeito para o mesmo significado, quase sempre na presença de um adjunto adverbial. Contudo, quando transitivo, a situação é mais complexa, pois são sete categorias de sujeito e outras sete de complementos para cinco significados, de forma que a possibilidade de haver ambigüidade para o leitor é maior. Toda essa variedade confirma o potencial que as sentenças com esse verbo têm de ser ambíguas.

Embora o tamanho do *corpus* seja adequado para a análise feita, os resultados encontrados não excluem a possibilidade de esse verbo aceitar outras categorias de sujeito e complemento, bem como

outras combinações entre eles.

4.2.3. Ambigüidade

Mesmo sendo o verbo *arrasar* uma palavra polissêmica, as ambigüidades lexicais encontradas foram raras. Alguns exemplos notáveis e esclarecimentos sobre a análise são expostos a seguir.

A questão da ambigüidade foi decisiva na classificação desse verbo. A opção pela transitividade direta preposicionada em vez de objetiva indireta deu-se porque há ocorrências em que o sentido do verbo *arrasar* não altera, pelo menos para o leitor, mas o verbo aparece ora preposicionado, ora não. Assim, o comportamento do verbo na frase muda, mas não há ambigüidade.

- (1) *Morreu [Aristófanes] em 384 a.C. "Lisístrata", escrita em 411 a.C., é sua peça mais famosa, entre as 11 que sobreviveram inteiras. Em "As Nuvens" (423 a.C.), **arrasou com os sofistas, os intelectuais mais radicais da época...***
- (2) *Os caipiras e seus assessores aprenderam a lição da Copa de 94, quando **arrasavam Parreira e o Brasil acabou campeão. Agora, véspera da Olimpíada, puxam o saco de Zagalo.***

No próximo caso, o modo como foi empregado o verbo *arrasar*, outra vez independentemente da preposição, é raro, mesmo como metáfora – foi a única ocorrência do tipo encontrada. Porém, não é grande obstáculo para o leitor que, complementando o contexto com seu conhecimento de mundo, compreende que não pode se tratar de um caso de guerra e desvenda o texto.

- (3) *No topo da Ilha [...] encontram-se requintes de interior de não fazer feio a São Paulo nenhuma. E, sem perder o costume, uma disco que **arrasa com** as noites salgadas da cidade.*

Outra ocorrência semelhante à anterior traz o verbo na forma intransitiva e isso facilita a compreensão do texto.

- (4) *Campinas é a bacana do interior paulista e Fama é a boate que **arrasa** nas noites campineiras.*

No fragmento seguinte, o verbo assume outro sentido, mas também não há ambigüidade, pois o contexto esclarece que se trata de adjunto adverbial e não de complemento verbal. O leitor faz essa distinção, inconscientemente.

- (5) *O melhor do show foi o bis. [...] o grupo [Aerosmith] **voltou para arrasar com** seus três maiores sucessos: "Dream On", "Living On the Edge" e a manjadíssima "Walk This Way". No balanço final, valeu a canseira.*

Nos dois casos a seguir, nota-se que poderia haver ambigüidade, tendo em vista a metonímia empregada, mas isso não ocorre por causa do contexto. O leitor sabe que se trata de um time e não de um país, de forma que não se caracteriza uma cena de destruição. Contexto suficiente é resgatado para a compreensão deste trecho, mesmo aqui, onde não há o local de publicação, ou seja, a seção de esportes de um jornal. Em ambos os casos, que são exemplos do sentido não registrado no dicionário, o verbo é transitivo direto; mesmo assim, não há ambigüidade para o leitor.

- (6) *Foi debaixo de água que a Argentina **arrasou** a Grécia, enquanto que o calor excessivo reproduz as condições normais da Nigéria, não sendo nenhuma adversidade para a equipe africana.*
- (7) *"Entramos para **arrasar** o Olaria. Fiquei feliz por voltar a me distanciar dos outros artilheiros mas o importante mesmo foram os três pontos", lembrou Romário.*

Neste caso, não há necessidade de um complemento verbal explícito, pois o verbo expressa uma habilidade; o leitor completa a lacuna sem maiores problemas.

- (8) *Os militares não querem subir [o morro] por dois motivos. Motivo técnico: militar é treinado para matar, destruir, **arrasar** e tomar uma posição e leva tempo para saber se movimentar de forma defensiva entre barracos e no meio dos civis...*

O mesmo não ocorre no trecho seguinte em que a deficiência de contexto deixa alguma dúvida sobre o que exatamente o autor quis dizer com *arrasou*.

- (9) *Mary Wilson, que junto com Florence Ballard e Diana Ross **arrasou** os estúdios da Motown quando assinavam The Supremes, sofreu um acidente com seu jipe em uma auto-estrada da Califórnia, sábado.*

A partir desses exemplos, compreende-se que o que poderia ser a maior fonte de ambigüidade em se tratando do verbo *arrasar*, ou seja, sentenças como

*O Brasil arrasou o Paraguai [na partida de futebol]
O Brasil arrasou o Paraguai [em 1865]*

na prática, não apresenta problema para os usuários da língua, apesar de a transitividade do verbo e os tipos de sujeito e complemento serem, aparentemente, os mesmos.

4.3. Conclusão da análise

A análise do *corpus* mostrou que o falante da língua portuguesa consegue decifrar o significado do verbo *arrasar* no discurso, principalmente, devido ao contexto.

Mesmo apresentando comportamento instável no discurso – assume seis significados; duas transitividades, e permite a variação preposicionada de uma delas em alguns casos; e aceita sujeitos, complementos e adjuntos de categorias diversas – esse verbo não é grande causador de ambigüidade para o leitor.

O fato de haver, por exemplo, objetos e abstrações ocupando a posição de sujeito e abstrações ocupando a posição de complemento verbal indica que se orientar somente pelo léxico e pelas relações que o verbo *arrasar* assume na sentença não basta para que o texto seja desvendado. Assim, o contexto, na forma como é concebido na seção 2.1, é decisivo para a correta interpretação do discurso.

Também foi indicado pela análise que o verbo *arrasar* está assumindo um novo significado, cujo uso pode ser considerado constante no linguajar cotidiano. Esse sentido representa 19% das ocorrências desse verbo no *corpus* utilizado e, apesar de não estar no dicionário, o leitor o reconhece no discurso, através do contexto, que ele completa com o auxílio da sua experiência de mundo. Uma vez que esse significado aparece no *corpus* com expressiva freqüência, a viabilidade de sua inclusão no dicionário merece ser avaliada pelos lexicógrafos.

5. Conclusão

Este estudo mostrou, através de discussões e de uma análise com base em *corpus*, que o contexto é fundamental para a resolução da polissemia e que, para desvendar o discurso e desfazer ambigüidades, o leitor complementa o contexto com seu conhecimento prévio de mundo. As ambigüidades não poderão ser resolvidas somente pelo léxico ou pela sintaxe, porque o contexto interfere no sentido que as palavras assumem no discurso de tal modo que o significado delas se torna imprevisível. Contudo, na prática, interpretá-las não representa, na maioria dos casos, grande dificuldade para os usuários da língua.

*RESUMO: Este estudo expõe discussões sobre ambigüidade e contexto e relaciona-os com a interpretação do discurso. Para embasar o debate, apresenta uma análise de uma palavra variável da língua portuguesa – o verbo *arrasar*, feita a partir de um *corpus*, seus resultados quantitativos e qualitativos e examina alguns dados notáveis. Conclui que a ambigüidade não pode ser resolvida somente pelo léxico, nem pela sintaxe, pois o contexto interfere diretamente no significado que uma palavra assume no discurso.*

PALAVRAS-CHAVE: ambigüidade; contexto; interpretação; discurso; significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUVAC, Sasa. (1995) Semantic Ambiguity and Underspecification. *Semantic Ambiguity and Underspecification*. Kees van Deemter and Stanley Peters, editors. CSLI Publications, Stanford.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GREEN, Georgia. M. (1995) Ambiguity resolution and discourse interpretation. *Semantic Ambiguity and Underspecification*. Kees van Deemter and Stanley Peters, editors. CSLI Publications, Stanford.
- LEFFA, Vilson. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra- DC Luzzatto, 1996.
- LEITE, Cília C. Pereira. (Madre Olívia). *Semântica e sintaxe: reflexões para professor de português*. Petrópolis: Vozes, 1979a. vol.1.
- _____. *Semântica e a natureza da língua: contribuição à semântica numa gramática científica do português e a uma teoria do signo lingüístico*. Petrópolis: Vozes, 1979b. vol.2.
- LYONS, John. *Semântica Estrutural*. (tradução de António Pescada). Lisboa: Editorial Presença, 1963.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PINILLA, A.; RIGONI, C.; INDIANI M. T. Polissemia e Mudança. PEAD. Disponível em <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema11/por-tm11.html>> acesso em 03 jun. 2002.
- RODRIGUES, Ayron D. A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras. 1999.UnB. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>> acesso em mar. 2002.